



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS II
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA**

MARIA JOELLEN ALVES DE SOUZA

**MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA E DE HABITOS
ALIMENTARES POR IDOSOS/AS DA UAMA/ CAMPUS II**

**LAGOA SECA-PB
2016**

MARIA JOELLEN ALVES DE SOUZA

**MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA E DE HABITOS
ALIMENTARES POR IDOSOS/AS DA UAMA/ CAMPUS II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Agroecologia.

Orientadora: Prof^a Msc. Shirleyde Alves dos Santos.

LAGOA SECA-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729m Souza, Maria Joellen Alves de
Memórias das práticas de produção agrícola e de hábitos alimentares por idosos/as da UAMA/ Campus II. [manuscrito] / Maria Joellen Alves de Souza. - 2016.
25 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Graduação em Agroecologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, 2016.

"Orientação: Prof. Ma. Shirleyde Alves dos Santos, Departamento de Agroecologia e Agropecuária".

1. História oral. 2. Práticas agrícolas. 3. Alimentação. I.
Título.

21. ed. CDD 630



CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

ATA DA DEFESA DO TCC

Aos 17 dias do mês de Outubro de 2016, às 07:30 horas, no Auditório do CCAA, Campus II, da UEPB, foi realizada a defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **MEMÓRIAS DAS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA E DE HÁBITOS ALIMENTARES POR IDOSOS/AS DA UAMA/CAMPUS II**, da educanda **MARIA JOELLEN ALVES DE SOUZA**, Matrícula 121361535, sob orientação da professora MSc. SHIRLEYDE ALVES DOS SANTOS, da UEPB. A **Banca Examinadora** foi composta pela pesquisadora MSc. ROZEANE ALBUQUERQUE LIMA, da Universidade Federal de Pernambuco e pelo professor MSc. EURIKO DOS SANTOS YOGI, da UEPB e foi presidida pela Orientadora, que deu início aos trabalhos. A educanda teve o tempo de 20 minutos para a sua apresentação, e a **Banca Examinadora** teve igual tempo para as arguições. Encerrada a defesa, a **Banca Examinadora**, acompanhada da orientadora se reuniu para avaliar o Trabalho. Após a análise da **Banca Examinadora**, foi atribuído o conceito **APROVADA**, com a Nota 9,5 (nove vírgula cinco), o qual foi proclamado pela presidência da banca, perante o público presente. A presente ata foi lida e aprovada, por unanimidade, ficando assinada por mim, professora MSc. SHIRLEYDE ALVES DOS SANTOS, demais membros da Banca Examinadora, Educando e Coordenadora do TCC. Lagoa Seca/PB, 17 de Outubro de 2016.

MSc. SHIRLEYDE ALVES DOS SANTOS

Shirleyde Alves dos Santos

MSc. ROZEANE ALBUQUERQUE LIMA

Rozeane Albuquerque Lima

MSc. EURIKO DOS SANTOS YOGI

Euriko dos Santos Yogi

MARIA JOELLEN ALVES DE SOUZA

Maria Joellen Alves de Souza

Élida Barbosa Correa
Coordenadora do TCC

Dedico este trabalho à minha família que é minha base e que muito me apoiou e incentivou a realizá-lo.

Primeiramente agradeço a Deus por esse feito. Aos meus pais José Antônio de Souza da Silva e a minha mãe Maria do Socorro Alves de Souza que fizeram de tudo para a realização deste trabalho. As minhas irmãs Joeny A. Souza e Joane A. Souza e ao meu noivo Siderley F. Albuquerque.

À professora Shirleyde Alves dos Santos, pela sabedoria e determinação com que me orientou durante a realização deste trabalho e aos meus colegas Maria Salete, Marina Laryssa e Lindomar Pereira.

Por que os sonhos quando realizados,
tornam-se conquistas e as conquistas em
buscas eternas.

M^a Joellen Alves de Souza.

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa foi resgatar práticas de produção agrícola e consumo de alimentos através da memória de idosos, da Universidade Aberta à Maturidade, do Campus II da UEPB. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, utilizando a História Oral e a Análise de Discurso como metodologia de coleta e análise dos dados. A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira, foram realizadas rodas de conversa com todos/as os/as idosos/as que frequentaram a UAMA, no Campus II. Esta etapa foi realizada durante o mês de fevereiro a março de 2016, com o intuito de promover as trocas intergeracionais de saberes e identificar as pessoas-chaves para as entrevistas. Na segunda etapa, foram realizadas as entrevistas com cinco idosos que foram escolhidos através das rodas de conversa entre julho e agosto de 2016, em visita às propriedades dos/as idosos/as. Sr. Gil e D. Fatima falaram sobre a história da sua propriedade, sobre suas lembranças de infância, principalmente sobre o que comiam. Dona Maria, aos seus 92 anos de idade, falou acerca das lembranças da agricultura do tempo de seus pais, ela contou que seu pai plantava de tudo. As práticas agrícolas utilizadas pela família do Sr. Luiz e Dona Catarina continuam as mesmas de antigamente, usam a agricultura alternativa e ainda utilizam cultivador e enxada. Sr. Luiz conta que antigamente a alimentação era pouca, não a variedade, mas a quantidade, e a alimentação frequente eram feijão e milho. A presente pesquisa construiu um acervo sobre história de vida, saberes e sabores de um povo que passou por muitas dificuldades e também por muitas alegrias com a agricultura de antes, os/as idosos/as da UAMA. Percebe-se também que a UAMA foi extremamente importante em suas vidas. É importante salientar que os/as idosos/as, independente de terem nascido numa época totalmente diferente da atual, possuem conhecimentos muito vastos tanto da agricultura como também sobre outros temas.

Palavras Chave: História Oral; Práticas agrícolas; Alimentação.

ABSTRACT

The objective of this research was to rescue farming practices and food consumption by the elderly memory, of UAMA, Campus II of UEPB. The study was a qualitative approach, using the Oral History and Discourse Analysis as a methodology for collecting and analyzing data. The research was conducted in two stages. At first, conversation circles were held with all the elderly who attended UAMA in Campus II. This step was carried out during February and March 2016 in order to promote intergenerational exchange of knowledge and identify key people for interviews. In the second phase, interviews were conducted with five seniors who were chosen through conversation circles between July and August 2016, on a visit to the properties of them. Mr. Gil and D. Fatima spoke about the history of their property, their childhood memories, especially about what they ate. Dona Maria, 92-year-old, spoke about the time agriculture memories of her parents, she told her father planted all. Agricultural practices used by Mr. Luiz family and Dona Catarina remain the same as before, use alternative agriculture and still use cultivator and hoe. Mr. Luiz account that once the food was a few, not variety, but the amount, and frequent food was beans and corn. This research has built a collection of life history, knowledge and flavors of a people who went through many difficulties and also many joys with agriculture before, the elderly of UAMA. It is noticed also that UAMA was extremely important in their lives. It is important to note that the elderly, regardless of whether they were born in a completely different time from the current time, have very extensive knowledge of both agriculture as well as on other topics.

Key words: Oral history; Farming practices; Feeding.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	12
3. METODOLOGIA.....	16
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	30
APÊNDICE.....	32

1. INTRODUÇÃO

Uma série de fatores, relacionados às práticas agrícolas, às práticas econômicas e sociais tem levado a uma profunda modificação dos nossos hábitos alimentares. Há uma tendência mundial à padronização da alimentação, inclusive no meio rural, depois da chamada “Revolução Verde” a agricultura sofreu impactos que causaram mudanças nos hábitos alimentares e nas práticas agrícolas.

A Revolução Verde, modelo imposto ao mundo após a II Guerra Mundial, tinha como lema acabar com a fome mundial, contribuindo para aumentar a produção e produtividade de alguns cultivos e criações em algumas regiões do planeta. Na verdade, o modelo “científico” da Revolução Verde tem contribuído para: a destruição da biodiversidade, o estreitamento da base genética da qual depende nossa alimentação; o modelo dos monocultivos, em detrimento da diversificação de cultivos e da produção de alimentos básicos adequados aos diferentes hábitos alimentares e dietas das distintas populações; o êxodo rural; a produção para exportação; o aumento da fome; a dependência de importação de insumos e do sistema bancário; a exigência de mais especializações e escalas maiores de produção; o aumento do custo de produção; o controle das grandes empresas sobre os agricultores; o aumento de pragas e doenças; a contaminação por agrotóxicos, etc (CAPORAL, 2009; MOREIRA e STAMATO, 2009; LONDRES, 2011; ALTIERI, 2012).

Uma nova ciência tem mudado toda essa ideologia da revolução verde, trazendo novos paradigmas no diz respeito à agricultura e aos hábitos alimentares a chamada agroecologia.

A produção agroecológica considera várias dimensões da atividade produtiva como: as relações igualitárias de gênero, a economia solidária, a segurança e soberania alimentar, a justiça ambiental (MELO et al, 2012). Por ter como base as relações igualitárias podemos destacar o público idoso, que é uma parte da sociedade um tanto desvalorizada.

A UAMA, Universidade Aberta a Maturidade da UEPB tem quebrado todos os paradigmas no que se refere à desvalorização do idoso, pois foi criada em 2009, e teve uma grande aceitação por parte do corpo docente dos diferentes departamentos da instituição, incluindo, em sua grade curricular, várias áreas do conhecimento, com

atividades de ensino, pesquisa e extensão, tendo como proposta uma ampla participação na construção coletiva de transmissão de conhecimento e de inclusão social. A UAMA já atendeu a mais que 450 idosos. Em Campina Grande já são 5 turmas formadas.

Em 2014, a UAMA foi implantada no Campus II da UEPB, em Lagoa Seca, e a partir de uma experiência com o componente curricular Soberania Alimentar, foi possível perceber a riqueza de conhecimento dos idosos sobre as práticas alimentares que tem se perdido ao longo dos anos, desde a produção (já que a turma era composta em sua grande maioria por moradores da zona rural) até o consumo, pois eles(as) são de uma geração em que os hábitos alimentares eram mais naturais com pouca ou nenhuma influência das grandes indústrias de alimentos e da mídia.

O desenvolvimento desta pesquisa valorizou os saberes dos/as idosos/as, em um mundo onde o culto à juventude é dominante e, muitas vezes, atropela o conhecimento de quem é carregado de experiências de vida. Ao contar suas histórias, os(as) idosos(as) deixaram registros de valor inestimável para a atual e para as futuras gerações.

“A narrativa é responsável por humanizar a pessoa, individualizando-a, pois declara sua memória única, em períodos fascinantes da vida, contribuindo para mostrar o quanto ela é importante como ser humano” (MOTA et al, 2013, p.1683).

Com base no que foi exposto este trabalho teve como objetivo conhecer e resgatar as histórias desses (as) idosos (as) com relação às práticas agrícolas e aos hábitos alimentares, com o intuito de produzir um registro histórico sobre agroecologia, alimentação e saúde pública.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A Revolução Verde é um modelo baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos na agricultura. É um conjunto de estratégias e inovações tecnológicas que teve como escopo alcançar maior produtividade através do desenvolvimento de pesquisas em sementes, fertilização de solos, utilização de agrotóxicos e mecanização agrícola (SERRA et. al, 2016).

O processo de modernização ocorreu no final da década de 1940 e início de 1950. Foram várias as transformações tecnológicas inseridas na atividade agrícola, modificando a estrutura agrária, principalmente nos países em desenvolvimento como Brasil, México e Índia (FRANCISCO, 2016).

Conhecida como Revolução Verde (expressão criada em 1966 por William Gown), a mecanização no campo aliado à fertilização do solo e desenvolvimento de pesquisas em sementes adaptáveis a diferentes solos e condições climáticas, tinha o discurso de aumentar a produção agrícola e acabar com a fome mundial (FRANCISCO, 2016).

Com a desculpa de combater a fome do mundo a revolução verde usou um falso discurso de modernização da agricultura onde incentivou o sistema de monocultivos, mecanização pesada nas produções agrícolas como também a utilização de agrotóxicos e outros produtos químicos que contaminam a água, solo e o ar. Com todo esse sistema, houve um aumento na produção alimentícia, mas as consequências desta forma de produção acarretaram danos à biodiversidade e a saúde do homem.

De acordo com Santos *et al* (2010), no que diz respeito aos danos provocados pela revolução verde destacam-se: erosão, compactação do solo, poluição do ar e do solo, redução dos recursos hídricos, perda de matéria orgânica do solo, inundação e salinização de terras irrigadas, exploração excessiva dos recursos pesqueiros e poluição dos mares. A perda da biodiversidade, especialmente, torna esse tipo de agricultura contrária aos princípios básicos do desenvolvimento sustentável.

Segundo Zamberlam e Froncheti (2007), a agricultura baseada na ideologia da revolução verde consiste em contribuir com o aumento da produção e da produtividade agrícola no mundo, caracterizando-se pela descoberta e aplicação de técnicas agropecuárias ou tratos modernos e eficientes no aumento da produção agrícola em curto

prazo, porém existe uma nova ciência que contradiz os princípios da agricultura moderna e presa à sustentabilidade, a chamada Agroecologia.

Como ferramenta do desenvolvimento sustentável, a Agroecologia constrói suas bases a partir das experiências da agricultura de cunho ecológico, na preparação de propostas coletivas capazes de enfrentar a lógica do atual modelo de produção agrícola, com o objetivo de substituí-lo por outro, comprometido com a sustentabilidade econômica, social e ambiental (LEFF, 2002). Os princípios da agroecologia, a ciência que já existia antes mesmo da revolução verde, precisam ser resgatados, pois, caso contrário concretizará o pensamento do antropólogo francês, Claude Lévi-Strauss, “O mundo começou sem o homem e acabará sem ele.”

A agroecologia é uma ciência que tem como base outras ciências que são a agricultura orgânica, agricultura biológica, agricultura natural, agricultura biodinâmica e a permacultura onde todas essas agriculturas possuem objetivos em comum como a sustentabilidade, interação harmônica entre natureza e homem além da preocupação de proporcionar uma alimentação saudável e natural a todos os consumidores.

A alimentação adequada é um direito fundamental do ser humano, inerente à dignidade da pessoa humana e indispensável à realização dos direitos consagrados na Constituição Federal, e é dever do poder público adotar as políticas e ações que se façam necessárias para promover e garantir a segurança alimentar e nutricional da população, levando em conta as dimensões ambientais, culturais, econômicas, regionais e sociais (CONSEA, 2010).

Entretanto, o sistema alimentar mundial, segue uma lógica mercantil, e apresenta características como: a predominância da produção agrícola convencional (intensiva mecanizada e com elevada utilização de agrotóxicos); o processamento intensivo de alimentos a fim de ampliar os prazos de validade e agregar serviços; e a crescente padronização dos hábitos alimentares, que contribuem, na verdade, para um círculo vicioso de insegurança alimentar (MALUF & REIS, 2013).

Recentemente, o Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) publicou o seu posicionamento contra as atuais práticas de uso de agrotóxicos no Brasil, ressaltando os riscos à saúde da população, em especial nas causas do câncer. O INCA destaca ainda que a liberação do uso de sementes transgênicas no Brasil foi uma

das responsáveis por colocar o país no primeiro lugar do ranking de consumo de agrotóxicos (INCA 2015).

Todos esses problemas relacionados à produção agrícola e à mudança dos hábitos alimentares passam pela educação, pela saúde, e também pelos meios de comunicação, e vem afetando de forma decisiva as ações do homem no campo e na cidade. No campo, através de assistências técnicas que reproduziam e ainda reproduzem os valores do mercado, dos pacotes tecnológicos que, aos poucos, foram substituindo o saber popular, o conhecimento que o homem tinha da terra, da natureza, dos seus ciclos naturais; e na cidade, após a revolução industrial, onde a tecnologia de alimentos foi se aprimorando e as indústrias de alimentos tomando o lugar da alimentação natural: redes de fast food vendem felicidade; refrigerantes são abraços apertados em quem você mais ama; margarina é família unida e contente; cereais, biscoitos e cookies são energia para encarar o dia; comida congelada é a certeza de elogios do(a) companheiro(a) ou dos filhos e, grátis, tempo livre para ficar com eles (KEDOUK, 2013).

Em substituição ao modelo dominante, o INCA apoia a produção de base agroecológica, modelo que otimiza a integração entre capacidade produtiva, uso e conservação da biodiversidade e dos demais recursos naturais essenciais à vida. Além de ser uma alternativa para a produção de alimentos livres de agrotóxicos, tem como base o equilíbrio ecológico, a eficiência econômica e a justiça social, fortalecendo agricultores e protegendo o meio ambiente e a sociedade (INCA 2015).

O saber e o conhecimento dos agricultores familiares não é uma panaceia. É uma realidade que não pode ser desconsiderada quando trata-se de promover sustentabilidade para agricultura familiar. Estes apresentam uma riqueza de saber e conhecimento adquiridos de experiências vividas e repassadas por suas gerações nos aspectos de produção, relações sociais comunitárias, experiências comerciais que afetam diretamente as suas decisões e as políticas públicas para este segmento social produtivo e econômico (SUNDERHUS, 2011).

Neste sentido a valorização do conhecimento através da interação do conhecimento científico com o conhecimento e saber do agricultor familiar são interpretados e valorizados como um fator de poder que promove a auto-suficiência e a sustentabilidade (SUNDERHUS, 2011), destacamos aqui também o saber dos/as idosos/as.

É necessário ouvir e dar voz às pessoas idosas para que elas possam revelar suas histórias, experiências do que viveram e as expectativas do que ainda está por vir. Esta narrativa da memória e histórias de vida das pessoas idosas é fundamental para a construção de sua própria identidade, e para que outras gerações possam aprender com suas experiências de vida (VALENÇA & REIS, 2015).

Ao dar atenção às histórias de vida da pessoa idosa, obtém-se o testemunho subjetivo do indivíduo, à luz das suas experiências e da sua vida particular. Estas podem refletir uma época, suas normas sociais e os valores partilhados pela sociedade nos diversos contextos históricos. Assim, por meio das lembranças, podemos ter contato com as experiências vividas, e seus sentidos podem ser transmitidos ao longo das gerações influenciando a compreensão do mundo atual (VALENÇA & REIS, 2015).

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa teve uma abordagem qualitativa, e utilizou a História Oral como metodologia, que consiste na arte de apreender narrativas a fim de obter material para conhecimento e análise de um determinado processo social do presente, favorecendo não apenas os estudos de toda a memória de uma cultura (MOTA et al, 2013).

A história oral é hoje parte inerente dos debates sobre tendências da historiografia contemporânea ou da história do tempo presente. Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que marca a história oral como ‘história viva’ (MEIHY, 2005, p.19).

Para uma melhor apropriação da metodologia, foi ministrado um mini-curso sobre História Oral para os alunos e professores envolvidos na pesquisa, nos dias 15, 16 e 17 de março de 2016, no Campus II, com os seguintes temas: A arte de construir a história através da memória; Memória, história e Identidade e História Oral e Transcrição. O mini-curso foi ministrado por historiadores/as convidados/as.

3.1. SUJEITOS DA PESQUISA

Fizeram parte da pesquisa os(as) idosos(as) da turma 2014 da UAMA, do Campus II.

A seleção dos/as participantes para as entrevistas foi realizada após a apresentação do projeto para a turma da UAMA, em uma primeira roda de conversa, onde foram observadas algumas pessoas chaves para serem entrevistadas. Foram selecionados três idosas e dois idosos.

As características observadas foram: facilidade para se expressar, interesse nos temas, interesse e disponibilidade em participar do projeto, ter sido (ou ainda ser) agricultor (a), morar na zona rural.

3.2. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Foram incluídos (as) na pesquisa os(as) idosos(as) da turma 2014 da UAMA, do Campus II, que moram na Zona Rural, que exerceram ou que exercem atividades agrícolas, e que demonstraram interesse em participar da pesquisa, além de apresentar as outras características citadas no item anterior.

Os/as demais que não se enquadraram nesse perfil foram excluídos/as da coleta de dados (especificamente, das entrevistas) para fins da pesquisa, mas participaram das rodas de conversa.

3.3. ETAPAS DA PESQUISA

Na **primeira etapa** foram realizadas duas rodas de conversas com os/as idosos/as, no Campus II, com os seguintes temas: Lembranças da agricultura e O que é Agroecologia?

Esta etapa foi realizada durante o mês de fevereiro a março de 2016, com o intuito de promover as trocas intergeracionais de saberes e identificar as pessoas-chaves para as entrevistas.

Na **segunda etapa** foram realizadas as entrevistas com idosos/as selecionados/as na primeira etapa. As entrevistas foram realizadas nos meses de julho e agosto de 2016, em visita às propriedades dos/as idosos/as. Durante as entrevistas, foram realizados registros de voz, de fotografia e de vídeo (todos com consentimento livre e esclarecido dos/as idosos/as).

3.4. COLETA DOS DADOS

Os dados foram coletados através de:

- ✓ Rodas de conversa;
- ✓ Entrevistas gravadas, orientadas por um roteiro (APÊNDICE);
- ✓ Registros fotográficos;
- ✓ Gravação de vídeos.

3.5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para análise dos dados coletados nas rodas de conversa e nas entrevistas, foi utilizada a Análise do Discurso (AD), método amplamente utilizado nas Ciências Sociais.

Minayo (1998) destaca que a saúde não institui uma disciplina nem um campo separado das outras instâncias da realidade social, e por isso requer uma abordagem dialética que compreende para transformar e cuja teoria, desafiada pela prática, a repense permanentemente.

O discurso revela a compreensão do sujeito sobre determinado contexto sociohistórico, no qual se evidenciam suas relações para a produção do próprio discurso. Na saúde, os discursos dos sujeitos projetam sua visão da sociedade e da natureza, da historicidade das relações, da forma de organização da sociedade, das condições de produção e reprodução social (MINAYO, 1998).

Apesar de não existir uma vasta literatura na área de saúde que aborde a AD como estratégia investigativa, cada vez mais, as pesquisas que interrogam os indivíduos sobre sua percepção em relação aos agravos à saúde, ou mesmo às práticas desenvolvidas e às políticas públicas existentes, os pesquisadores da área se deparam com a necessidade de instrumental que permita reconhecer o que há de significado individual, coletivo, e de contexto sociohistórico nas falas, nos escritos - nos discursos (MACEDO et al, 2008).

3.6. ASPECTOS ÉTICOS

O projeto foi submetido à aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

A coleta de dados obedeceu às diretrizes éticas das pesquisas com seres humanos, expressas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e só foi iniciada após a aprovação do projeto pelo CEP (ANEXO).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira roda de conversa (Figura 1) foi realizada no dia 23 de fevereiro de 2016, na Universidade Estadual da Paraíba, Campus II com a turma da UAMA, a fim de conhecer melhor os idosos e a partir daí identificar quais iriam ser entrevistados.

Figura 1: 1ª Roda de Conversa com idosos/as da UAMA, em Lagoa Seca/PB.



Fonte: Acervo da Pesquisa, 2016.

A roda teve início às 10h00minhs da manhã com o tema “Lembranças da agricultura” e a segunda roda foi realizada no dia 08 de março de 2016 com o tema “O que é Agroecologia?”.

Sr. Domingos falou um pouco sobre sua história e disse que trabalha na agricultura desde a infância até os dias de hoje com práticas agroecológicas como a manipueira, e outros defensivos naturais, porém diz ele que o uso dos defensivos naturais só dá certo no “seu quintal”, mas nas grandes lavouras apenas os agrotóxicos são mais ágeis e diz que o primeiro veneno a ser produzido foi o DDT. Ele relatou que as pragas estão se tornando cada vez mais imunes aos agrotóxicos. Os outros idosos falaram mais sobre as suas práticas com agricultura alternativa.

A agricultura alternativa possui princípios agroecológicos e muitos/as desses/as idosos/as, as praticam também muitos deles viveram o período da Revolução Verde e não são adeptos ao uso de agrotóxicos.

Pôde-se identificar que havia idosos que ainda moravam na zona rural e que tinham muito que expressar e o que falar em relação as suas vivências na agricultura, as

práticas agrícolas que eram utilizadas em sua época, como também os hábitos alimentares de antigamente, que também foi um tema que foi surgindo no decorrer das conversas.

Em relação à segunda roda que teve como tema “o que é agroecologia?” foram relatadas algumas práticas agrícolas alternativas e que também são consideradas agroecológicas, como: o uso de manipueira com mel como defensivo nas laranjeiras; e o uso de folhas de nim e detergente para combate as pragas.

A Manipueira (água da mandioca) pode trazer benefícios à agricultura com as diversas formas de utilização. Poucos produtores sabem, mas ela serve de adubo natural, tanto de solo, como foliar, podendo ser usada ainda na alimentação de ruminantes (PITOMBEIRA, 2013).

De acordo com Morais (2014), o nim (*Azadirachta indica*) é usado para muitos fins, inclusive na agricultura por ser um excelente inseticida natural e contribuir no controle de insetos-praga e doenças em plantas. Na agricultura orgânica já é utilizado como inseticida natural de várias formas: o óleo retirado dos frutos e pó de folhas ou ramos triturados.

Com relação ao tema Agroecologia, destacam-se as seguintes falas dos/as idosos/as:

- ✓ A Agroecologia é agricultura m
- ✓ 3ais meio ambiente.
- ✓ A Agroecologia é voltar ao método antigo da agricultura tradicional, respeitar os limites do solo e não queimar as matas e as terras.
- ✓ A Agroecologia é respeitar o meio ambiente.
- ✓ Meus pais diziam: Não faremos queimada porque faz mal.
- ✓ A Agroecologia abrange uma agricultura orgânica e utiliza métodos orgânicos, mas nas grandes regiões há dificuldades para tais práticas pois a demanda é muito grande e o método agroecológico é bastante lento para atender grandes metrópoles, porém sabe-se que a consequência da utilização de venenos pode acarretar dependência na terra e danos na saúde humana e animal, mas os grandes empresários só querem saber de vender e pouco se importam com o bem-estar humano e animal.

A agroecologia é uma nova forma de abordar a agricultura onde a natureza, o homem e todas as suas relações são vistos de forma integrada, onde são respeitadas as fases naturais de recomposição de solo, a sucessão natural, o intercâmbio de atividades,

a diversidade de cultivos, o rotacionamento e consorciamento de espécies que colaboram entre si para o controle de pragas e doenças, enfim, é uma prática que respeita o meio ambiente e produz alimentos saudáveis (MOREIRA & STAMATO, 2009; SEBRAE, 2012).

Por ser, enquanto ciência, um tema novo, ainda há muita dúvida quanto à sua definição. Sendo comum a confusão entre os termos: agricultura sustentável, agricultura orgânica, agricultura alternativa e agricultura agroecológica, por exemplo. Boa parte dos/as idosos/as participantes desta pesquisa já praticam agroecologia desde o tempo de seus pais, mas muitas vezes não sabem definir.

4.1. AS ENTREVISTAS: REENCONTROS E ACOLHIDAS

As entrevistas foram realizadas entre julho e início de agosto de 2016, e foram feitas nas propriedades dos/as idosos/as, através de agendamento prévio. Foram entrevistados dois idosos e três idosas. As entrevistas seguiram um roteiro (Apêndice) com perguntas abertas sobre as práticas de produção de alimentos e hábitos alimentares. O roteiro serviu como base, mas, ao longo das entrevistas, outras questões relacionadas aos temas da pesquisa foram surgindo.

Ribeiro (2008, p.141) trata a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Com base no roteiro, foram identificados vários saberes e sabores com todos/as os/as idosos/as entrevistados/as sobre as práticas agrícolas de antigamente.

O senhor Gil, que mora juntamente com sua esposa Dona Fatima no sítio Pai Domingos situado em Lagoa Seca, ressaltou que fazia roçado de feijão carioquinha, porém naquela época não era conhecido como feijão carioquinha e sim como feijão mulatinho e feijão gordo, os quais eram produzidos para o próprio consumo da casa, e com a mandioca faziam farinha e levavam-na para a feira os sacos para vender, já

processada. Ele também conta com muita satisfação que a propriedade possuía uma casa de farinha onde faziam manualmente todo o trabalho.

A produção nas casas de farinha é feita de modo artesanal, com mão de obra familiar ou com a participação de membros da comunidade, porém esse trabalho era mais frequente antigamente, atualmente não é mais comum ver casas de farinha funcionando com mão de obra familiar.

Hoje em dia a família produz galinha de capoeira, ovos de capoeira, couve e pretendem produzir em alta escala. Falou também que querem produzir batata doce e palma, pois servirão de alimento para as galinhas de capoeira, Sr. Gil diz que as aulas da UAMA lhe fizeram pensar sobre isso, principalmente as aulas que eram sobre alimentação e meio ambiente:

“As aulas da UAMA em especial a da professora Shirleyde, me fez voltar aos meus 8 anos de idade, onde a gente plantava o arroz vermelho, levava para casa pilava-o no pilão, tirava a palha para poder comer e também a gente as vezes não tinha almoço daí íamos atrás de preá, lagarto, tatu, rolinha, ribaçã, peixe sabão e mamãe preparava a caça para comermos, depois a gente tomava água e ia dormir. A gente era feliz e não sabia, hoje em dia tudo é muito fácil, mas naquela época era difícil. Nós fazíamos o nosso próprio alimento”.

Dona Maria que mora no sítio Alvinho localizado em Lagoa Seca, aos seus 92 anos de idade (Figura 2), falou acerca das lembranças da agricultura do tempo de seus pais, ela contou que seu pai plantava de tudo, *“tudo que fosse de comer ele plantava”*. Sua família trabalhava com batata inglesa e fumo, eram as culturas que eles mais vendiam. Ela conta que alho e cebola nem precisava comprar e o jerimum era como pedra no tabuleiro, *“era jerimum a vontade”*. Hoje ela já não produz mais, pois relata que devido à estiagem as cisternas e poços da sua propriedade estão secos e que fica muito difícil plantar sem água.

Dona Maria também falou a respeito da produção agrícola de antigamente, do tempo dos seus pais:

A produção era trabalhar com tudo, tinha os invernos, eram bons, era raro os anos escassos, meu pai fazia duas colheitas por ano uma era de batatinha inglesa, era de carrada para vender, quando vendia uma já ia cuidar da outra ele colocava a batata para guará na sombra, quando ela estava ficando bem verdinha e saindo aqueles olhinhos, era sinal de mais uma nova safra, aí vinha à colheita do fumo, isso era na época da seca. O tal do fumo... dele eu só não sabia emendar aquelas folhas, mas o restante eu entendo de tudo.

Figura 2: Dona Maria e integrantes da pesquisa, em sua casa, no dia da entrevista.



Fonte: Acervo da Pesquisa, 2016.

Dona Maria, ainda diz:

“Quando eu era pequena adorava ir ao roçado e quando meu pai estava com seus trabalhadores e trabalhadoras e eu ia pra lá só para assar batata doce e comer (risos) gostava muito, era tanto do feijão macaçar, as espigas de milho era uma coisa enorme, dava prazer a gente ver a agricultura”.

“Saudades de antigamente onde não se tinha tanto roubo. Meu pai morava no sitio no cariri, recordo do meu pai espalhando o milho no terreiro como quem espalha terra no campo, ele deixava as

galinhas no terreiro e do jeito que ele deixava ele encontrava, mas hoje em dia, está tão violento”.

Nascido e criado no Cariri Sr. Luiz diz que nunca plantou arroz, nem cana pois a água no Cariri era muito difícil, ele ainda diz:

“Aqui tá virando Cariri, pois desde 2012 pra cá não tem chovido tanto, apenas sereno e a gente fica sem ânimo de plantar, planta mais não tem futuro”.

Nesse aspecto nota-se uma reclamação em comum da maioria dos entrevistados em relação à falta d’água que veem enfrentando, pois não tem chovido tanto e este fator tem comprometido a agricultura.

Os recursos hídricos têm importância fundamental no desenvolvimento de diversas atividades econômicas. Em relação à produção agrícola, a água pode representar até 90% da constituição física das plantas. A falta d’água em períodos de crescimento dos vegetais pode inviabilizar a produção agrícola e até afetar seriamente ecossistemas equilibrados (GOMES, 2011).

As práticas agrícolas utilizadas pela família do Sr. Luiz e Dona Catarina continuam as mesmas de antigamente, usam a agricultura alternativa e ainda utilizam cultivador e enxada, plantam tudo com as mãos, menos o feijão. Eles contam que a maior dificuldade para se plantar hoje em dia é a falta d’água, que o clima mudou, as estações e que no tempo deles fazia-se experiências.

Dona Catarina, esposa do Senhor Luiz ressalta:

“A experiência do meu pai era a da lua cheia de janeiro. Era assim, se ela nascesse com uma barra meio escurinha, era sinal de que o ano ia ser bom de chuva. Quando o pé de fruta fica carregado também é sinal de que vai vim chuva. No meu tempo era assim, por exemplo, estava chovendo, mas quando aparecia lagarta de fogo era sinal que ia entrar a seca, a estiagem”.

Nota-se uma prática defendida pela Agricultura Biodinâmica em relação às forças cósmicas.

A Agricultura Biodinâmica quer ajudar aqueles que lidam no campo a vencer a unilateralidade materialista na concepção da natureza, para que eles possam, cada um por si mesmo, achar uma relação espiritual/ética com o solo, com as plantas e os animais e com os coirmãos humanos. A Biodinâmica quer lembrar todos os seres humanos que "A agricultura é o fundamento de toda cultura, ela tem algo a ver com todos" (SIXEL, 2010).

A família mora no Sítio Covão em Lagoa Seca e continuam produzindo muitas variedades de milho, feijão, hortaliças. Sr. Luiz, com seus 90 anos de idade, diz que não irá parar de plantar, que plantará até o fim de sua vida e que nota que um dos grandes problemas da agricultura hoje em dia é a falta de interesse dos mais jovens:

“Eu dou muito valor às coisas do roçado, as pessoas acham que hoje em dia as coisas são difíceis, mas não são”.

É de extrema importância a agricultura, pois é uma atividade que faz o homem, no sentido de que é a partir dela, que tiramos o nosso sustento, afinal sem alimentos a vida não seria possível.

A história da alimentação é antiga. Acredita-se que o homem teria começado a se alimentar de frutos e raízes após observar o comportamento de outros animais. Depois, teria passado a consumir carne crua e moluscos in natura. Mais tarde, aprendeu não se sabe como, a assar e cozinhar. Descobriram a cerâmica, terras e povos distintos e realizou inúmeras experiências com alimentação, até chegarmos aos dias de hoje (RECINE e RADAELLI, 2016).

Sr. Luiz conta que antigamente a alimentação era pouca, não a variedade mas a quantidade, a alimentação frequente era feijão e milho. Sua esposa, dona Catarina diz que antigamente comia-se muita comida feita de milho, como munguzá, o xerém e que faz até hoje:

“Para preparar o Xerém, separa-se o milho seco, coloca a água para ferver. Depois coloca o milho na água, não deixe ele ficar mole, só úmido. Daí você molha o moinho, peneira e faz o Xerém com leite, ele é salgado”.

Dona Fatima também fala sobre a prática de se fazer comidas de milho:

“Na casa da minha mãe fazia mungunzá com coco, cravo, canela, era um mungunzá doce daí quando eu casei com Gil fui fazer da mesma forma da minha mãe e achando eu que estava um sucesso Gil disse: Oxe que mungunzá é esse?” (Risos).

O Sr. Gil responde:

“Mamãe fazia o lá de casa salgado com mocotó e leite. Pilava no pilão, e tirava a palha e esse está doce?” (Risos).

A comida de milho é uma receita típica das festas juninas que remetem justamente ao homem do campo e aos seus costumes “matutos”, pode-se perceber que todos os entrevistados fazem ou fizeram comidas derivadas do milho como o manguza, o Xerem. Em seus relatos observa-se a importância desses alimentos e o costume deles em seus hábitos alimentares.

Dona Maria também fala a respeito das panelas de barro, ela diz com muita satisfação, alegria e saudade como era preparada as comidas nas panelas:

“Na minha época não tinha panela de alumínio então a gente usava panela de barro, acredita que era tão pesada e tão grande, que para tirar do fogo parecia que ia abrir e derramar tudo, tinha que ter força para pegar”.

Me recordo da galinha preparada na panela de barro... ficava bem sequinha bem dourada o sabor era outro, nem lenha faltava o meu pai comprava um caminhão de lenha nos Cariri, por ali em Pocinhos, antes de terminar um caminhão de lenha já comprava outro, lenha boa, não tinha carvão, a gente tirava as brasas do fogo, apagava e colocava dentro do ferro para passar roupa. Cozinhar era trabalhoso, mas era bom...gostava demais

Dona Fatima também fala acerca das panelas de barro:

“Minha mãe quando estava de resguardo fazia galinha torrada e nós brincávamos com panelas de barro no fogãozinho de carvão daí cozinávamos o pedaço da galinha de verdade, levo essa lembrança comigo até hoje, deve ser por isso que só gosto de cozinhar galinha em panela de barro, fica mais saborosa”.

“Minha vó fazia tapioca em uma pedra grande, bem grossa com bastante coco. Fazia carne torrada e arroz de graxa tudo em panela de barro, xerém com leite era tudo muito gostoso”.

Dona Fatima também comentou sobre uma receita de cocada que hoje ela faz para os seus netos, e que também fez para nos receber (Figura 3):

“Quando eu era jovem fazia cocadas e uma vizinha minha também fazia então quando ela cortava a cocada as crianças corriam atrás das migalhas esperando que elas caíssem e hoje ao fazer cocadas minha neta ficou por perto e eu me lembrei disto, deve ser por isso que até hoje eu gosto de fazer cocadas. (Risos)”.

Figura 3: Cocada feita e servida por D. Fatima no dia da entrevista.



Fonte: Acervo da Pesquisa, 2016.

A memória, quando devidamente ativada, é transformada em fonte, em documento de uma época, aproxima temporalidades, explica rupturas, continuidades e descontinuidades históricas (ALBUQUERQUE JR, 2007). Nesse contexto é notória a

riqueza de detalhes que os idosos da Uama passam em relação a práticas agrícolas e os hábitos alimentares de uma época onde tudo era feito com muito esforço e dedicação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa construiu um acervo sobre história de vida, saberes e sabores de um povo que passou por muitas dificuldades e também por muitas alegrias com a agricultura de antes, os/as idosos/as da UAMA. Percebe-se também que a UAMA foi extremamente importante em suas vidas.

A produção agrícola da maioria dos/as idosos/as era bastante simples e nota-se que todos/as eles/as partilham da mesma dificuldade hoje em dia que é falta d'água. As práticas agrícolas da maioria dos idosos são de base agroecológica, porém eles não entendem como agroecologia, pois muitos não sabem a sua definição.

Sabe-se que antigamente, antes da Revolução verde não existia a facilidade em encontrar alimentos prontos em prateleiras de supermercados e que a maioria da sociedade morava na zona rural, onde produziam seu próprio alimento e os mesmos eram vendidos em feiras ou trocados com os vizinhos mais próximos.

Nas entrevistas pôde-se perceber a valorização e o semblante saudoso quando falam da alimentação de antes, todos/as falaram sobre as panelas de barro, de como era saboroso cozinhar nelas e se dispuseram a vivenciar as receitas da época de seus pais, que perpetuam até os dias de hoje.

As memórias dos idosos sobre as práticas agrícolas e os hábitos alimentares de sua época trazem uma reflexão comparativa em relação à agricultura e os hábitos alimentares de hoje, nota-se o quanto mudou tais práticas, após a revolução verde, pois o que predominava antes era alimentação saudável e natural, onde o agronegócio ainda não tinha dominado o mundo.

É importante salientar que os/as idosos/as, independente de terem nascido numa época totalmente diferente da atual, possuem conhecimentos muito vastos tanto da agricultura como também sobre outros temas, eles/as têm muito a ensinar à sociedade de hoje e, através da história oral, isso se torna possível.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **História**: a arte de inventar o passado. São Paulo: Cortez, 2007.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3.ed. (rev.ampl). São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012. 400p.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia**: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Brasília, 2009.

CONSEA, Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. **A segurança alimentar e nutricional e o direito humano à alimentação adequada no Brasil**: indicadores e monitoramento da Constituição de 1988 aos dias atuais. Brasília, 2010.

FRANCISCO, W. C. "**Revolução Verde**"; *Brasil Escola*. Disponível em <> Acesso em 06 de outubro de 2016.

GOMES, M. A. F. **Água: sem ela seremos o planeta Marte de amanhã**. Disponível em: <>. Acesso em 29 de Ago 2011.

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva acerca dos agrotóxicos. Disponível em:
<http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/comunicacao/posicionamento_do_inca_sobre_os_agrotoxicos_06_abr_15.pdf>. Acesso em: 10 Mai 2015.

KEDOUK, M. **Prato sujo**: como a indústria manipula os alimentos para viciar você. São Paulo: Abril, 2013. 232p.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.3, n.1, jan / mar, 2002.

LONDRES, F. **Agrotóxicos no Brasil**: um guia para ação em defesa da vida. Rio de Janeiro: AS-PTA – Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura alternativa, 2011.

MACEDO, L.C. et al. Análise do discurso: uma reflexão para pesquisar em saúde. **Interface**: comunicação saúde educação. V. 12, N.26, p. 649-57. Jul-set, 2008.

MALUF, R. S.; REIS, M. C. dos. Segurança alimentar e nutricional na perspectiva sistêmica. In: ROCHA, C. (org). **Segurança alimentar e nutricional**: perspectivas, aprendizados e desafios para as políticas públicas. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.

MELO, M.C.A. et al. **Alimentos agroecológicos**: um encontro com a qualidade de vida. Recife/PE: Centro Sabiá, 2012.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 5.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5.ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC, 1998.

MORAIS, Fabio. **Neem: um excelente inseticida natural**. Universidade Orgânica. Guaçuí/ES. 22 de Outubro de 2014. Disponível: . Acesso em: 10 de Out de 2016.

MOTA, C. S. et al. A metodologia da história oral de vida como estratégia humanizadora de aproximação entre cuidador/idoso. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, 29 (8):1681-1684, ago, 2013.

MOREIRA, R. M.; STAMATO, B. Instituto giramundo mutuando/ programa de extensão rural agroecológica – progera. **Agroecologia**. Botucatu, São Paulo: Giramundo, 2009. (Cadernos Agroecológicos).

RECINE, E. RADAELLI, P. **Alimentação e cultura**. Brasília. Disponível em: <f> Acesso em: 29 Ago 2016.

RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, Araxá/MG, n. 04, p.129-148, maio 2008.

SANTOS A. J. R, MARIA C, BATISTA C. C. **A Revolução Verde; ebah**. Belo Horizonte. 2010. Disponível em: < > Belo Horizonte, 2010. Acesso em 06 de Outubro de 2016.

SERRA Leticia Silva, MENDES Ruy Félix, SOARES Maria Vitória De Araújo, MONTEIRO Isabella Pearce. **Revolução Verde: acerca da questão dos agrotóxicos**. *Revista científica do Centro de estudos em Desenvolvimento Sustentável da UNDB*. Maranhão. jan/julho 2016. p 4. Disponível em: < > Acesso em 06 de Outubro de 2016.

SIXEL, Bernardo Thomas. **O que é a agricultura biodinâmica**. Sociedade Antroposofica. 13 de Março de 2010. Disponível em: <http://www.sab.org.br/portal/agricultura-biodinamica/45-o-que-e-a-agricultura-biodinamica>. Acesso em: 02 de Nov 2016.

PITOMBEIRA, Kamila. **Nutrição Vegetal Manipueira contra pragas e doenças na agricultura**. *Jornal Dia de Campo*. 11 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://www.diadecampo.com.br/zpublisher/materias/Materia.asp?id=25790&secao=Agrotomas#null>. Acesso em: 10 de Out 2016.

VALENÇA, T.D.C., & REIS, L.A.dos. (2015 abril-junho). **Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas**. *Revista Kairós Gerontologia*, 18(2), pp. 265-281. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

ZAMBERLAM, J.; FRONCHETI, A. **Agricultura ecológica** Preservação do Pequeno Agricultor e do Meio Ambiente. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

APÊNDICE A

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Como era a produção agrícola da propriedade antigamente? Continuam as mesmas práticas?

Como era alimentação antes e como é hoje? O que vocês comiam? vendem
Atualmente vocês continuam produzindo? Vocês se alimentam do que produzem?
Ainda usam alguma prática agrícola que vocês aprenderam de seus pais? Como, o que, onde?

Vocês guardam sementes para plantar no ano seguinte? Como, o que?

ANEXO

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES
HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISADOR
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS
PLATAFORMA BRASIL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Título da Pesquisa: Saberes, sabores e saúde: histórias sobre produção agrícola e hábitos alimentares por idosos da turma 2014 da UAMA, Lagoa Seca/PB.

Pesquisador Responsável: Shirleyde Alves dos Santos

CAAE: 53239515.5.0000.5187

SITUAÇÃO DO PROJETO: APROVADO.

Data da relatoria: 16/02/2016

Situação do projeto: APROVADO

Apresentação do Projeto: Projeto encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, para Análise e parecer com fins de elaboração e desenvolvimento de pesquisa, em atendimento ao Edital PIBIC/UEPB/CNPq, Cota 2015/2016, da Universidade Estadual da Paraíba. O presente projeto terá uma abordagem qualitativa, e utilizar-se-á da História Oral como metodologia, que consiste na arte de apreender narrativas a fim de obter material para conhecimento e análise de um determinado processo social do presente, favorecendo não apenas os estudos de toda a memória de uma cultura (MOTA et al, 2013). Farão parte da pesquisa os(as) idosos(as) da turma 2014 da UAMA, no Campus II, e que moram na Zona Rural. A seleção dos participantes será realizada após a apresentação do projeto para a turma da UAMA, em uma primeira roda de conversa, onde serão observadas algumas pessoas-chaves para serem entrevistadas.

Objetivo Geral da Pesquisa: Analisar e resgatar práticas de produção agrícola e consumo de alimentos através da memória de idosos, da Universidade Aberta à Maturidade, do Campus II da UEPB.

Avaliação dos Riscos e Benefícios: Segundo a pesquisadora responsável, o presente projeto possui riscos mínimos, caracterizado como “constrangimento aos participantes ou interrupção do seu tempo”. Entretanto, esses riscos serão minimizados pelo compromisso ético dos pesquisadores, e pelos benefícios da pesquisa. Com relação aos benefícios, estima-se nos diversos campos do saber gerar: Avanços no conhecimento sobre Agroecologia e Saúde Pública; Contribuições para a popularização da ciência; Contribuições para a pesquisa qualitativa em Agroecologia e Saúde Pública, com ênfase na Análise do Discurso; Contribuições para pesquisas sobre envelhecimento e qualidade de vida. Na área **Social:** Valorizar o conhecimento dos idosos; Estimular às experiências

intergeracionais de ensino, pesquisa e extensão. Na área da **Saúde Pública**: Estímular às pesquisas voltadas para a melhoria da qualidade de vida da população; Valorizar a Agroecologia, como prática agrícola a favor da saúde pública; Disseminar Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida. No **Meio Ambiente**: Fortalecer as práticas agroecológicas, e conseqüente diminuição dos impactos ambientais da agricultura convencional. Contribuir para o entendimento da relação entre meio ambiente e saúde pública.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: A presente proposta de pesquisa é de suma importância quanto papel e atribuições das Instituições de Ensino Superior (IES), mormente pesquisa (bem como extensão), estando dentro do perfil das pesquisas de construção do ensino-aprendizagem significativa, perfilando a formação profissional baseada na tríade conhecimento-habilidade-competência, preconizada pelo MEC. Portanto, tem retorno social, caráter de pesquisa científica e, contribuição na formação de profissionais da área de ambiental (graduando e pós-graduados), dentre outras áreas do saber científico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Os termos necessários e obrigatórios encontram-se presentes.

Recomendações: Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: O projeto encontra-se completo, sem pendências. Diante do exposto, somos pela aprovação.

Campina Grande, 16 de fevereiro de 2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
PRO-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

